

O TRIUNFO DA QUARESMA: PRÁTICAS ROMANIZADORAS NA FREGUESIA DE NOSSA SENHORA D'AJUDA

Magno Francisco de Jesus Santos¹

Introdução

Um morador inquieto se preparava para o ato solene. No ocaso ele realizava suas primeiras orações antes do jantar, cercado por familiares. Rezava-se pela mesa farta. Rezava-se pela família. Clamava-se e dedicava a ceia às Dores da Virgem. Antônio Conde Dias aparentava estar ansioso para o momento que iria testemunhar. Na hora da Ave-Maria o sino da matriz dobrava chamando os devotos para o ato solene. Ouvia-se o estrondo doloroso do bronze e os murmúrios das mulheres descalças pelas ruas. O patriarca convocava seus familiares para o cortejo e seguia para o templo sagrado.

Pelas ruas nada de alegria. A população de Itaporanga d'Ajuda, cidade cravada às margens do Rio Vaza-barris, parecia entender o significado daquele momento. Nas janelas dos casarões podiam ser vistos jarros de flores, imagens sacras, quadros com cenas da Via Sacra e velas. Eram os Passos da procissão que iria percorrer as ruas. Na Praça da Matriz, a imponente igreja encontrava-se de portas abertas, repleta de devotos venerando as sagradas imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora da Soledade. Dos povoados e das cidades vizinhas chegavam os romeiros, alguns vestindo mortalhas e outros com velas nas mãos. Cercado pela família, Antônio Conde Dias observava os atos de fé e percebia a interação dos devotos com os santos.

O grande sino da Matriz dobrava pela segunda vez. Já eram seis e meia da noite. Mais devotos adentravam no templo, beijavam os pés do Senhor dos Passos e se curvavam passando o manto da Mãe das Dores sobre o rosto sofrido. Faltava pouco para a procissão, momento solene que se inclinava mais “*para o ato de externar a fé do que pelo entendimento da doutrina católica*”². Era o vigor da tradição de uma cidade católica no período quaresmal.

O personagem descrito acima, Antônio Conde Dias, não era um mero devoto em meio à procissão que estava prestes a sair. Ele era membro da elite da cidade de Itaporanga d'Ajuda. Mais do que isso. Também era representante da intelectualidade católica de Sergipe, pois o mesmo possuía uma coluna no mais importante impresso católico de Sergipe, *A Cruzada*, jornal que veiculou notícias da Igreja no estado entre 1918 e 1969³. Uma temática que permeou parte significativa dos seus artigos

¹ Mestre em Educação, especialista em Ciências da Religião e graduado em História pela Universidade Federal de Sergipe. Doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense sob a orientação da Prof^a Dra. Martha Abreu. Professor da Faculdade José Augusto Vieira e das redes municipais de ensino de Laranjeiras e Itaporanga d'Ajuda, Sergipe. Email: <magnohistoria@gmail.com>.

² FLEXOR, Maria Helena Occhi. “Procissões na Bahia: teatro barroco a céu aberto”. In: *II Congresso Internacional Barroco*. Porto: Universidade do Porto, 2001, p. 521-534.

³ SALES, Tatiana Silva. *As falanges da boa imprensa: o jornal 'A Cruzada' em Sergipe, 1918 a 1969*. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2006.

foi o das procissões quaresmeiras. Ao que indica, o intelectual itaporanguense era um aficionado pelos cortejos solenes da Paixão de Cristo e, principalmente, pelas tradições do povo católico sergipano.

Os registros desse intelectual propiciam a abertura de uma fissura sobre o passado da religiosidade de Sergipe. Suas anotações cuidadosas e detalhadas permitem ao pesquisador problematizar os aspectos concernentes às celebrações católicas nos primeiros decênios do século XX em uma cidade de pequeno porte e sem grande projeção no cenário religioso do estado. Itaporanga d’Ajuda não possuía grandes romarias ou festividades que atraíssem muitos devotos de outros municípios, mas, mesmo assim, se tornou foco dos registros do cronista.

Todavia, era uma cidade que aparentava seguir os pressupostos determinados pela Diocese de Aracaju, com a regulamentação das expressões de religiosidade, especialmente as festas. Nesse sentido, uma simples procissão paroquial assumia uma proporção de destaque, se tornava alvo de registro que reforçava os elementos de piedade cristã e, principalmente, as normativas devocionais que estavam sendo impregnadas entre os populares, pois “o povo é frequentemente o objeto da reforma”⁴.

Nesse artigo o foco central é a procissão do encontro na cidade de Itaporanga d’Ajuda. Trata-se da tentativa de compreender a relação entre tradição e modernidade expressa na estética barroca na religiosidade católica. Os discursos constituídos sobre a solenidade explicitam as duas perspectivas, aparentemente dicotômicas, mas que no alvorecer do século XX eram apresentadas como elementos distintivos do bom cristão. Nesse sentido, o bispado sergipano se preocupava em exercer um maior controle sobre as práticas de religiosidade que se destacavam em Sergipe. As romarias e as procissões de cunho penitencial foram alvo especial de atenção, pois eram os eventos católicos nos quais as práticas do catolicismo popular se apresentavam com maior vigor, quase sempre marcadas pelas demonstrações públicas de piedade e de sofrimento. Por esse motivo, tais solenidades se tornaram alvo das ações romanizadoras da Diocese de Aracaju. Em Itaporanga, o olhar perscrutador do clero buscava evidenciar o desaparecimento das velhas práticas de desobriga, que foram tão comuns até o início do século XX em procissões e santas missões.

A pesquisa foi desenvolvida a partir da análise dos textos concernentes à temática, com enfoque para as notícias divulgadas na imprensa sergipana entre 1890 e 1950. Além disso, a pesquisa teve como fulcro documental os registros de memorialistas da cidade, como Gilberto Amado⁵ e Antônio Conde Dias. No caso dos estudos sobre festas e religiosidades, a configuração de espacialidades com enfoque para as redes de sociabilidades se tornam imprescindíveis, pois se torna uma forma de propiciar o entendimento da pluralidade de cosmovisões e das tessituras que engendram o contexto social.

No caso de Itaporanga d’Ajuda, pode-se perceber que a procissão do encontro

⁴ HALL, Stuart. “Notas sobre a desconstrução do popular”. In: SOVIK, Liv (org.). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: EDUFMG, 2003, p. 248.

⁵ Gilberto de Lima Azevedo Souza ferreira Amado de Faria foi um político, ensaísta, memorialista e diplomata sergipano. Nasceu na cidade Estância no dia 7 de maio de 1887. Era o mais velho entre os 14 filhos que o casal Melchisedech e Ana Amado tiveram. Ainda nos seus primeiros anos foi morar em Itaporanga, onde realizou seus estudos primários. Também estudou farmácia na Bahia e diplomou-se em Direito pela Faculdade de Recife. Foi membro da Academia Brasileira de Letras e faleceu no Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1969.

se tornou alvo das atenções eclesiásticas na redefinição das práticas sócio-religiosas. Nesse sentido, elementos aparentemente irrelevantes nos discursos sobre a referida procissão se tornam imprescindíveis no entendimento da dimensão do processo ultramontano na Diocese de Sergipe, pois revela nuances de um catolicismo combatente das práticas tidas como pagãs e da astúcia de constituir uma religiosidade sob os moldes europeus.

Na Trilha dos Pecadores: As Santas Missões Capuchinhas

Itaporanga. Último decênio dos oitocentos. Em plena Guerra de Canudos os capuchinhos resolveram passar pela vila cravada às margens do rio Vaza-barris. A fama dos frades chamados de barbudinhos era aterrorizadora e despertou o pânico na localidade. No imaginário social, as terras de Nossa Senhora d’Ajuda seriam purificadas de todo o pecado. Tudo isso foi registrado no livro de memórias de Gilberto Amado, que construiu uma narrativa sobre a estadia dos frades na vila.

A descrição do romancista é um importante testemunho das práticas civilizadoras dos frades capuchinhos, assim como, também pode ser vista como uma fresta do cotidiano da região. Assim, seguindo a perspectiva defendida por Stuart Hall devemos entender que a transformação é chave de um longo processo de moralização das classes trabalhadoras, pois a cultura popular passa a ser vista como ameaça, desmoralização a ser crivada, civilizada. É evidente que a narrativa do autor não pode ser tomada como registro fiel do passado, mas sim como uma representação tecida no intuito de fortalecer suas memórias sobre a infância vivida na vila de Itaporanga e de criar um enredo para seu texto. Todavia, o texto literário também pode ser consultado como testemunho histórico, pois reflete os valores e as ideias de seu tempo. Mesmo quando se trata de um texto ficcional, o historiador deve perceber que se trata de uma ficção gestada em determinado contexto social. Além disso, os escritores buscam em sua conjuntura elementos do cotidiano visando criar um efeito de realidade. No caso de Gilberto Amado esses efeitos são mais evidentes, tendo em vista que seu texto tem a pretensão de possuir um caráter memorialista. Por conta disso, a narrativa é maculada pela presença de antigos moradores de Itaporanga, por atores comuns que perambulavam pelas ruas cotidianamente.

O escritor estanciano tentou descrever detalhadamente as ações dos capuchinhos e o medo que pairou sobre a localidade com a notícia da chegada dos mesmos. Todavia, a narrativa também revela nuances do cotidiano da localidade, principalmente no que concerne aos “*desvios*” sociais da época. Os pecadores se tornaram foco da atenção do romancista na tentativa de evidenciar as representações dos frades menores. Ao falar sobre a redenção e piedade nos tempos de Santa Missão, o intelectual apresentou o contraponto com os pecados dos populares no momento anterior a chegada dos frades. Observe a assertiva a respeito da expectativa dos moradores diante da possibilidade de receberem os missionários:

Foi durante a guerra de Canudos, no intervalo entre a primeira e a segunda expedição. O período era de seca. Já tinha havido uma pregação em Itabaiana. A fama chegou até Itaporanga. Iniciaram-se logo os preparativos. O telheiro do mercado, que já havia sido alongado e cobria todo o alto

*da praça, não bastava. Armaram-se latadas nos dois lados. Carradas de madeira, de caibros e de estacas chegavam dos engenhos. De cumeeiras de casas velhas abandonadas arrancaram-se ripas ainda prestadias. Carapinas e marceneiros deram do seu novo serviço. Organizaram-se turmas. Todos queriam trabalhar.*⁶

Como é possível perceber, a vila metamorfoseou-se. Ruas e praças eram ornamentadas para receber os frades capuchinhos e a multidão de romeiros que costumeiramente os acompanhavam. O espaço urbano foi redefinido para adequar-se as novas sociabilidades que estavam prestes a ocorrer. O que era profano deveria se tornar diferente, pois a localidade viveria dias de penitência, de piedade e de sofrimento. Para ver-se livre dos pecados, homens se organizaram na armação de palanques, cobrindo a praça, criando um espaço onde deveria ocorrer a remissão dos pecados. Essas ornamentações das praças em que se localizavam as igrejas visitadas pelos frades eram comuns na época. Para Pecorari, “a participação do povo era de vera maciça (...). muitos vinham de fora e até de longe, improvisavam abrigos ou ‘latadas’ para passar a noite e assim não perder um dia sequer”⁷.

Um ponto importante a ser observado é o fato de a Santa Missão ter ocorrido em momento oportuno: período de guerra. Em pleno fim de século, marcado pelas incertezas da vida, os capuchinhos pregavam sobre o inferno e as ações do demônio. A guerra que grassava vidas não era um mal distante. A historiografia sobre Canudos é unânime em revelar o elevado contingente de sergipanos que migraram para a comunidade fundada por Conselheiro.⁸ Familiares ouviam boatos sobre a guerra e certamente não era difícil de associar os dramas de seus parentes a um látego divino pelas ações do demônio. Os homens se matavam no sertão, enquanto os seguidores de Cristo rezavam pelas almas de todos.

Castigo, desgraça e salvação foram ideias difundidas pelos capuchinhos. Os pecados da humanidade eram apresentados ao público como os causadores das dores que martirizavam a todos. Em 1891, ano da passagem dos missionários pelo vale do Vaza-barris, ainda tinha outro atrativo para a retórica dos castigos celestes dos frades menores: a grande seca. Não foi o acaso que fez com que Gilberto Amado iniciasse sua assertiva sobre a Santa Missão rememorando da Guerra de Canudos e da seca. Dois males que assolavam os sergipanos e que se tornaram alvo das prédicas dos frades.

Nas palavras dos pregadores, tais males se proliferaram pela terra como sinal do desgosto divino em relação aos pecados da humanidade. A fama da crueldade dos sermões e do rigor na punição dos pecadores já tinha se proliferado por Sergipe.

⁶ AMADO, Gilberto. *História da minha infância*. Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira; Ed. UFS, 1999, p. 147.

⁷ PECORARI, Francesco. “As missões populares dos capuchinhos nos sertões baianos nos fins do século XIX”. *Cadernos UFS História*, São Cristóvão, vol. 4, n. 5, 2003, p. 57

⁸ SILVA, Alberto Garcia da. “Médicos Militares Sergipanos em Canudos”. *Revista do IHGSE*, Aracaju, n. 38, 2009, p. 191-202; SÁ, Antônio Fernando de Araújo. *Filigranas da Memória: História e Memória das comemorações dos centenários de Canudos (1993-1997)*. Tese (Doutorado em História), Universidade de Brasília. Brasília, 2006; SILVA, José Calasans Brandão da. *Antônio Conselheiro em Sergipe e os sergipanos em Canudos*. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 1993.

Todos conheciam a descrições do inferno que os capuchinhos pintavam no púlpito. Eram essas conversas que amedrontavam os moradores das localidades a serem visitadas. Assim, ocorria o processo de “*desmoralização dos pobres e de reeducação dos pobres*”, pois “*o povo é freqüentemente objeto de reforma*”⁹.

Em Itaporanga não foi diferente. Com os primeiros boatos da chegada dos capuchinhos os moradores vistos como “desviantes” se preocupavam, andavam com cautela. Os excluídos da história e da sociedade católica local eram vistos com desconfiança e ignorados por seus conterrâneos. Isso ocorreu principalmente com prostitutas, homossexuais e ateus. Todos eles estariam na mira da Santa Missão e dos escândalos que os frades menores poderiam fazer usando-os como bodes expiatórios das mazelas sociais. Segundo Amado, o cotidiano da vila foi completamente alterado:

*A cidade foi tomada de misticismo. Já antes da chegada dos frades as mulheres e as moças começaram a pôr xale preto na cabeça. Flor e fita não botavam mais no cabelo. Às duas feiras que precederam a Santa Missão, as mulheres-damas já não vieram. Embalde procurei-as com os olhos, como sempre fazia disfarçadamente quando elas passavam em fila com as esteiras debaixo do braço, charuto na boca, cravos bocaris nos penteados.*¹⁰

Seguir os caminhos do Cristo incumbia ir além das tradicionais práticas católicas. Os capuchinhos disseminavam o terror pelo interior sergipano. Propagavam o inferno que estaria solto no mundo. Apontavam nas comunidades os agentes de satã. A chegada dos religiosos em uma localidade significava o fim das ações pecaminosas, ou pelo menos uma pausa. Foi o caso descrito pelo memorialista. Na ótica do escritor estanciano, a alegria cedia espaço para o universo circunspecto. Até mesmos as vestimentas foram ressignificadas, tornando-se mais sóbrias e cordatas. As campestres flores dos cabelos cederam lugar aos escuros e comportados xales. As prostitutas desapareceram e foram substituídas por mulheres que rezavam por clemência divina.

É interessante perceber a estratégia que o autor utilizou para se referi às prostitutas da época. O mesmo recorreu ao jargão popular da região para caracterizar tais mulheres, dizendo que as mesmas transportavam esteiras embaixo do braço. Ainda hoje em localidades do interior sergipano essa é uma expressão usual do linguajar popular para se referi a mulheres que possuem vida sexualmente promíscua. Seriam as “*putas de esteiras*”, que transportariam embaixo do braço as esteiras para a realização de atividades amorosas. Isso evidencia um aspecto relevante da obra de Gilberto Amado, que é o diálogo entre a erudição e o popular.

É evidente que essa característica não foi exclusiva do autor, pois desde a Semana de Arte Moderna de 1922 os escritores recorrentemente se utilizavam do popular. Assim, nesse modelo de escrita, o narrador, que aqui se conjuga ao autor, busca no relato uma reconstituição de um fato passado que lhe queima na memória e que solicita uma lembrança que é também reelaboração de uma vivência. Tratava-se

⁹ HALL, “Notas sobre...”, p. 248.

¹⁰ AMADO, *História de minha infância*, p. 147.

de “*uma literatura que exprimisse a sociedade*”¹¹.

A sociedade que Gilberto Amado expressa um momento importante da religiosidade católica de Sergipe. No período entre o final do século XIX e descerrar do século XX a Igreja Católica em Sergipe passava por um processo de renovação, com a romanização dos rituais e práticas devocionais. A presença dos missionários capuchinhos nas cidades, vilas e povoados do interior sergipano não era fruto do acaso, mas uma ação pensada que visava utilizar a experiência de frades menores italianos na renovação da religiosidade local. Assim, desde meados dos oitocentos “*a Igreja Católica, aqui representada pela Ordem Capuchinha além de realizar a sua função espiritual também auxiliava o Estado na manutenção da ordem e na construção da nação*”¹².

A presença dos capuchinhos na vila de Itaporanga é reveladora. Ao enviar os missionários, a Arquidiocese da Bahia indica que as expressões de religiosidades da população local não estavam de acordo com os preceitos cristãos, ou pelo menos, deveriam ser observados pelo olhar atento dos frades menores. Nesse sentido, a escrita de Amado nos brinda com o desfile de personagens reais, de moradores anônimos da vila que dificilmente seriam reconhecidos se não fossem os registros do memorialista.

Esses personagens, usados para caracterizar o popular, as credices e as superstições da localidade em que passou a maior parte de sua infância expressam aspectos que extrapolam o exótico e os artifícios da linguagem literária. As mudanças bruscas de comportamento são sinais do controle exercido pela Igreja e do prestígio da mesma na sociedade sergipana de fim de século. Além disso, essas mudanças de comportamento são indícios do processo de reconstrução das cosmovisões, da ineficácia do clero em exercer a vigilância permanente sobre os fieis. Se no tempo sagrado era preciso mudar o comportamento radicalmente, era porque no tempo cotidiano a conduta da população não era condizente com a proposta clerical. Nesse caso, a necessidade de reforma das camadas populares era reforçada pelo alto clero, pois a Arquidiocese da Bahia passou a ser veemente na vigilância da religiosidade popular dos sergipanos. Para os populares sergipanos, cabia encontrar as estratégias de resistir, de persuadir os capuchinhos, evidenciando o duplo movimento de conter e resistir.

Desse modo, Gilberto Amado proporcionou um desfile dos personagens anônimos da História nas páginas em que narra a Santa Missão. Na tentativa de cunhar sua obra com aspecto de veracidade, o autor buscou recheiar suas memórias pessoais com ações e dizeres dos populares que viveram em Itaporanga nos idos dos oitocentos. Amado também demonstra que sua assertiva evidencia a confluência de memórias, a simbiose do que viveu com o que ouviu dizer, ou seja, o encontro de memórias pessoais com os registros coletivos. O livro não remete apenas àquilo que foi testemunhado pelo memorialista, como evidencia a assertiva seguinte:

Ouvi dizerem que Maria Jeroma, de todas (mulheres-dama) a mais impressionante, pelo ar desafrontado e pela

¹¹ CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006, p. 125.

¹² CUNHA, Tatiane Oliveira da. “‘Bom cristão, bom cidadão’: contribuição capuchinha no processo civilizatório em Sergipe (1840-1889)”. *Cadernos UFS História*, São Cristóvão, vol. 1, n. 11, 2010, p. 127-145.

*pintura da cara, ganhara o sertão. Zé Bolachinha deixou de beber. Elias já não apregoava na venda suas briagueses. Cazufa de Lino, o mentiroso da vila, andava dizendo que não mentia mais, comprara um terço com bentinhos que mostrava de porta em porta. Pombinho remexendo-se, com a voz de mulher, parava junto as donas de casa e dizia, benzendo-se: “Agora é tempo da gente se arrepender, meu Deus!” Mariana não mais esperava os homens à porta da malhada.*¹³

Na assertiva de Amado o medo pairou sobre a vila ribeirinha. Os anônimos alteraram seu cotidiano diante da possibilidade de receber os missionários capuchinhos. Os moradores apontados como pecadores buscavam apresentar-se de forma diferente, evidenciando o arrependimento e busca pela salvação. Foi nesse contexto que os objetos de salvação se tornaram alvo dos moradores e dinamizou o comércio local. Ao que tudo indica nos últimos anos do século XIX, a localidade se transformou em ponto de convergência de romeiros e de penitentes em busca da clemência divina. Os frades romanizadores atraíam devotos que geralmente não eram assistidos pelo clero. Em Itaporanga, a população que vivia distante, nos limites da Freguesia Nossa Senhora d’Ajuda deslocou-se para assistir às celebrações. Na ótica do memorialista, a vila havia se transformado, pois “*eu via pela primeira vez em Itaporanga famílias inteiras de engenho. A nossa casa encheu-se. Meu pai preparou acomodações em outras para receber hóspedes. Foram armadas redes nos corredores, as camas não davam*”.

É notório na historiografia sergipana as dificuldades que o clero oitocentista tinha para atender a sociedade de suas respectivas paróquias¹⁴. Muitas vezes passavam quase um ano sem que a população das localidades mais distantes presenciasse a celebração da Eucaristia. Por conta dessa situação de precariedade, momentos como os das Santas Missões eram propícios para o deslocamento dos fieis. Não só isso. Era ocasião também que instigava o imaginário barroco da população rural sergipana que executava as práticas penitenciais. Seguindo passos firmes pelas estradas de piçarras os penitentes cantavam sobre os pecados e o tempo sagrado “*Pecador, agora é tempo de pesar e de temor: Serve a Deus, despreza o mundo, já não seas pecador! Neste tempo sacrossanto o pecado faz horror: Contemplando a cruz de Cristo, já não seas pecador!*”. O convite para abandonar as coisas do mundo e buscar o perdão divino não era apenas uma estratégia retórica dos benditos populares. Como já foi visto os moradores da vila de Itaporanga tentaram encarnar o ideal de penitência. Abandonava-se o que era compreendido como pecado. Mortificava-se o corpo. Saudavam-se as dores. Da parte alta da vila descia a multidão carregando pedras na cabeça, penitenciando e cantando: “*Piedade, Senhor, Tende peiedade, É de nós, pecadô... [sic]*”¹⁵.

Cenas que eram comuns no período da Semana Santa se proliferavam pelas ruas da vila. Cruzes, pedras nas cabeças, penitentes ajoelhados e silêncio faziam parte dos enredos das presenças dos missionários capuchinhos. O memorialista

¹³ AMADO, *História da minha infância*, p. 147-148.

¹⁴ NUNES, Maria Thetis. *Sergipe Provincial I (1820-1840)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

¹⁵ AMADO, *História da minha infância*, p. 148.

não chegou a mencionar a participação da Irmandade Nossa Senhora d’Ajuda nas ações da Santa Missão, evidenciando que os atores penitentes eram os segmentos populares dos arredores da vila. A referida irmandade¹⁶, “em que estavam os homens brancos e pardos de ambos os sexos onde se escolherão os de mais posses”¹⁷, ou seja, era composta pela elite açucareira do Vaza-barris e provavelmente deve ter agido apenas nas questões de logística para abrigar os missionários e nas reformas da Igreja Matriz e do seu adro.

Um ponto relevante a ser observado é concernente às práticas romanizadoras dos frades capuchinhos em Itaporanga. Pelo que foi exposto na descrição de Gilberto Amado, fica evidente que os frades tentavam combater os “males” que afastavam os fieis dos caminhos da Igreja. O caminho da conversão proposto pelos missionários era a penitência. Eles estimulavam os romeiros a realizarem práticas de sacrifícios para purgar os pecados cometidos. Muitas dessas práticas carregavam um aspecto místico, de forte apelo popular e visibilidade semelhante à estética barroca. Nas prédicas dos capuchinhos não havia espaço para a devoção cordata, mas sim para dramaticidade e exposição pública. O autoflagelo seria uma forma que os fieis deveriam usar para evitar o látego divino. Em Itaporanga,

*Velhos, moços, ricos, pobres, todos carregavam pedras. Eu e outros meninos menores também pusemos pedras na cabeça. Os carolas, as beatas, exageravam. Jejuns rigorosíssimos. Crises nervosas. Maria Saturnina virou a boca, apareceu de beijo torcido. Era uma moça possuída do Capeta, dava ataques como ninguém. Berrava, sacudia-se toda e ficava depois estatelada horas e horas. Os ateus da vila, Tomasinho e Manuelzinho da esquina, não caçoavam mais de religião. Não encontravam, aliás, quem os quisesse ouvir; eram olhados com medo, fugiam deles. Uma comissão foi visitar Tomasinho e exortá-lo a se confessar. Falava-se baixo, num burburinho, num zunzum. Nas calçadas, não estralavam os tamancos como dantes. Tudo se abafou.*¹⁸

Um mundo sufocado pela presença dos frades alemães. Moda e festas praticamente desapareceram nos dias de Santa Missão. A alegria cedia lugar a penitência e resignação. Nascia a festa da fé. Outro ponto a ser observado é que no imaginário popular a chegada dos missionários representava a instauração do tempo sacro. A mortificação do corpo é um dos sinais dessa crença. “Tal como o espaço, o Tempo também não é para o homem religioso, nem homogêneo, nem contínuo”¹⁹. Na cosmovisão desses moradores de Sergipe do final dos oitocentos, o tempo sagrado significava a abertura das portas do além. As celebrações de

¹⁶ GOMES, Sérgio. *O Preço da Fé: análise do termo de compromisso da Irmandade Nossa Senhora d’Ajuda* (agosto de 1840). Monografia (Graduação em História). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2006.

¹⁷ Arquivo Público do Estado de Sergipe. *Termo de Compromisso da Irmandade Nossa Senhora d’Ajuda*. Acervo Particular de Epifânio Dória. Pac. 29, doc. 03, 1840.

¹⁸ AMADO, *História da minha infância*, p. 148.

¹⁹ ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 64.

penitência propiciavam a libertação de suas almas, mas também abria espaço para as tentações, para a ação do mal, inclusive do demônio. Não é coincidência que foi relatado a desfiguração de uma jovem possuída pelo capeta. Assim como a Semana Santa, o tempo sacrossanto de Santas Missões era tempo de lutar contra as ações dos agentes do inferno.

Para evitar as tentações do demônio, a população procurou realizar ações que contribuíssem com os missionários. Um exemplo disso foi Aleixo que era:

*Preto fofo e inchado, carregador de lenha, que tinha os pés em bola e andava como um elefante, não tinha amásia com quem casar, e nem beber podia mais. Andava a perguntar o que devia fazer na Santa Missão; entregaram-lhe carretos. Assim purgava qualquer pecado que tivesse.*²⁰

Mais uma vez aparece uma figura popular. O autor expõe o misticismo da vila onde passou grande parte de sua infância, mas não menciona as crenças pertinentes a elite local. Ou seria o caso da elite está envolvida em tais práticas? Certamente não. Amado deixa claro que os nomes citados se referem aos moradores dos segmentos populares. A elite açucareira aparece anônima, contribuindo na organização das celebrações. É claro que em alguns momentos ele evidencia que as práticas penitenciais eram comuns a todos os grupos da localidade, mas usa como exemplo as camadas populares, ou seja, o povo “*que constantemente ameaçava eclodir*”. O período entre os séculos XIX e XX foi marcado pelas mudanças das classes populares, ou como afirma Hall, ocorreu a “*reconstituição do próprio terreno da luta política*”²¹.

Ao se referir à Santa Missão dos capuchinhos em Itaporanga, dois aspectos sobressaltam na escrita de Gilberto Amado: a penitência dos romeiros e a ênfase dos sermões dos frades sobre as mulheres e o pecado. A partir da confluência desses olhares torna-se possível reconstituir os cenários elaborados para a solenidade em uma cidade que se apresentava como católica e tradicional. Além disso, permite entender o imaginário religioso em que a mulher estava associada ao universo do pecado, portadora das tentações do mundo. O primeiro aspecto de destaque é a penitência:

*A multidão se reunia de tarde. As manhãs, até a hora do almoço, eram ocupadas pelos frades em receber confissões e donativos. À hora da penitência todos se dirigiam para o ponto marcado. Aí os frades chegavam, com a enorme cruz negra na frente. Organizava-se o préstimo na plangência da ladainha tirada pelos frades e entoada pela multidão. Depois, esta, tomada de frenesi, começava a clamar “Piedade, Senhor...”. Gente se ajoelhava na estrada, metia a cabeça na areia, soluçava alto.*²²

Frenesi. Essa palavra não aparece de forma inocente no texto de Amado. Ela exclama o desespero dos devotos que estavam presentes na Praça da Matriz, na

²⁰ AMADO, *História da minha infância*, p. 149.

²¹ HALL, “Notas sobre a desconstrução...”, p. 250.

²² AMADO, *História da minha infância*, p. 149.

margem esquerda do Vaza-barris. Nas palavras do memorialista, a vila passava por uma histeria coletiva e destacava os gritos, o desespero e a clemência. A cruz usada na Santa Missão e que tanto impacto causava no romeiro era a mesma que abria as procissões da Semana Santa e a procissão do Encontro. Era o mesmo madeiro que abria o cortejo com o Cristo sofredor e o outro com os caçadores de pecadores.

*Fora das horas de pregação encontrava-se gente nos cantos, ajoelhada, batendo os beijos, com os olhos no céu. Voltando uma noite com o meu pai de uma casa longe, ouvimos sair do portal da igreja um ruído de prece angustiada. Aproximamo-nos. Eram duas velhinhas acoradas no batente, que cantarolavam, ou antes, gemiam, lobregamente: “Eram dez horas, Da cruz pendente, Nosso Senhor, Deus onipotente”. A toada toda ficava no ar – ente... ente... As velhinhas, debaixo dos xales, encolhiam-se no ar que o vento arrepiava.*²³

O que teria despertado a vontade dessas duas velhinhas a permanecer noite adentro entoando cânticos de penitência? Não temos provas que levem a uma resposta definitiva, todavia existem pistas no próprio testemunho do memorialista. Não era usual que mulheres usassem o espaço público no decorrer da noite, quanto menos realizando práticas penitenciais. Isso era comum entre os homens. Entretanto, nos sermões dos frades capuchinhos em Itaporanga havia um alvo espacial: as mulheres, apresentadas muitas vezes como as agentes de satã, disseminadoras do pecado sobre a terra. É o segundo enfoque pertinente à narrativa de Amado. Os frutos dos pecados eram execrados nas palavras dos religiosos, como atesta a narrativa:

*Gritos irrompiam desesperadamente. Durante uma das pregações ouviu-se um ai! Muito esvaído. Voltaram-se os rostos. Era uma moça conhecida que começou a sentir uma coisa; sangue escorria. Muito pálida, acudiram-na. Saiu um feto de cinco meses. Foi um dos casos que mais ouvir falar.*²⁴

Em uma descrição rica em sonoridade, o memorialista repete um dos casos que ouvira falar. É instigante pensarmos que num texto de memórias nem tudo remete ao individual. Gilberto Amado deixa claro que muitos dos trechos descritos tinham por base o que ouviu de seus pais, avós e vizinhos. Desse modo, “a lembrança se torna a sobrevivência do passado”²⁵. Um passado herdado e perpetuado na escrita do memorialista.

A escrita de Amado reflete uma busca de dramatização das cenas. Claro que o texto literário possui exageros, modos próximos aos de uma caricatura, mas tudo isso constituído a partir da leitura visual do que ocorria. Segundo Francesco Pecorari, o grande momento das Santas Missões era o do sermão, pois:

Era o momento esperado em que o Missionário devia criar

²³ AMADO, *História da minha infância*, p. 150.

²⁴ AMADO, *História da minha infância*, p. 149.

²⁵ BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 53.

*o impacto, tocar os corações empedernidos, despertar a comoção e o arrependimento. Para isso ele recorria a uma oratória impetuosa e arrebatadora com gritos e gestos aterradores descrevia com exagerado realismo as penas dos condenados e ameaçava os castigos do inferno.*²⁶

Realmente as palavras dos frades parecem ter mexido com o imaginário do jovem Gilberto ao ponto de, quando adulto, registrar como um dos fatos mais marcantes de sua infância. A naturalidade com que os frades falavam sobre o universo da sexualidade escandalizou o garoto e grande parte da população católica que assistiu as pregações.

*O inferno que este (D. Amando) descrevia – um poço de labaredas, inferno gênero Pedro Botelho, com diabos chifrudos, de chuços na mão, um satanás vermelho baforando fumaça. – este inferno estava ali, no oco da terra, escancarado; ninguém escapava dele se amasiado não se casasse, se pagão se batizasse, se batizado não se crismasse, se mulher casada deixasse de servir ao desejo do marido. Se me lembro de tudo, ou se guardei por ter ouvido dizer depois, o fato é que a Santa Missão deixou em Itaporanga a impressão de que os frades eram dominados por uma obsessão a respeito dos coitos, relações entre homem e mulher, de coisas de cama. Os termos horripilavam. Minha mãe já não foi a segunda pregação. Ouvi meu pai declarar na mesa: ‘esses frades não estão bem orientados’.*²⁷

Tudo isso representa o que podemos denominar de primeira fase do processo de romanização do catolicismo em Sergipe. Consiste na inserção do clero estrangeiro nas comunidades rurais em visitas que duravam cerca de quinze dias e tinham por objetivo fortalecer os laços de piedade cristã, quase sempre voltadas para a prática penitencial e combater o que era visto como desvios na conduta social (bebidas alcoólicas, homossexualismo, prostituição, mentira, ateísmo, liberalismo feminino, etc.). Era uma forma também de observar como estava ocorrendo a atuação do clero local. Nesse sentido, o processo de romanização se efetuava por meio da vigilância da conduta social dos paroquianos e do próprio pároco. Outro ponto importante era a assistência religiosa para comunidades que geralmente não eram atendidas pelo clero, em virtude da deficiência existente na Arquidiocese da Bahia em relação ao número de padres. Sob a retórica do medo, os capuchinhos cumpriam a missão de evitar a eclosão de conflitos como o de Canudos.

Não é de se estranhar que um dos recursos usados pelos frades capuchinhos nessas Santas missões foi justamente o imaginário popular barroco, povoado por santos e por demônios. O inferno era pintado nos púlpitos. Os satanases eram apontados entre os ouvintes. Assim, “D. Amando, com o pescoço compridíssimo, um verdadeiro falcão crocitava: ‘Mis hermanos!’ Passava um tremor. Possuídos de uma espécie de vesânia, desciam os frades em prédicas a minúcias arrepiantes”. O

²⁶ PECORARI, “As missões populares...”, p. 57.

²⁷ AMADO, *História da minha infância*, p. 150.

inferno estava ali, apontado entre os pobres de Itaporanga.

Na cosmovisão desses primeiros agentes da romanização, os homens eram o sinal da degradação, do pecado, da perdição. Os males sobre a terra eram os castigos de Deus, que sinalizavam a insatisfação com as suas criaturas. Gilberto Amado relata suas lembranças sobre as ameaças de castigo: “*Ouvi muitas vezes comentar o sermão em que D. Amado chamou os urubus que voavam sobre a multidão para devorarem as mulheres-damas. Na ponta dos pés, parecia querer apanhar rapinantes para virem ali mesmo estracinhar a carniça humana*”. Nesse sentido, a cultura popular era o alvo central das ações dos barbudinhos.

Essa primeira fase perdurou até 1910, ano da criação da Diocese de Aracaju, que teve como resultado a criação de novas paróquias, a visitação pastoral do bispo diocesano e a constituição da imprensa²⁸ católica que registrava os avanços da nova fase de romanização, dessa vez mais voltada para as práticas do catolicismo.

Os Dramas da Paixão nas Margens do Vaza-Barris

As celebrações do período quaresmal estão entre os principais eventos do catolicismo no Brasil. Pomposas procissões com caráter penitencial faziam parte do cenário de inúmeras cidades do país e envolviam a participação de diferentes segmentos sociais. Em Itaporanga d’Ajuda a participação da população sobressaía-se na Procissão do Encontro, realizada sempre no quarto domingo da Quaresma. Ela era marcada pelo envolvimento da sociedade local no planejamento e realização da solenidade. Todavia, nos primeiros decênios do século XX as ações dos devotos da Paixão e morte de Cristo faziam sentir algumas diferenças substanciais nos atos solenes. A tradição de percorrer as ruas com o Cristo com a cruz sobre os ombros já não era a mesma que ocorria na centúria anterior.

Trata-se da segunda fase da romanização. Enquanto na primeira fase da romanização em Sergipe os frades capuchinhos foram os protagonistas, com a realização de Santas Missões itinerantes pelas mais distantes freguesias, inclusive priorizando as comunidades que não eram assistidas por um pároco, na segunda fase o clero local assumiu o protagonismo. Os padres formados no Seminário Sagrado Coração de Jesus²⁹ de Aracaju passaram a atuar em suas respectivas paróquias com o propósito de reformar as práticas devocionais, construindo capelas, mudando os padroeiros dos povoados e dirigindo a religiosidade dos paroquianos³⁰. Nessa fase, o bispo da Diocese de Aracaju, Dom José Thomaz, preocupou-se em substituir os antigos párocos da diocese pelos seus representantes formados no Seminário de Aracaju. Era uma estratégia de tentar homogeneizar as práticas clericais, de moldar um novo perfil de pároco sob os auspícios das normativas do Concílio do Vaticano I.

Muitos dos padres formados pelo Seminário Sagrado Coração de Jesus se

²⁸ SOUZA, Valéria Carmelita Santana. “*A Cruzada*” Católica: uma busca pela formação de esposas e mães cristãs em Sergipe na primeira metade do século XX. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2005.

²⁹ BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro. *Os padres de Dom José: o Seminário Sagrado Coração de Jesus (1913-1933)*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2004.

³⁰ ANDRADE, Péricles. *Sob o olhar diligente do pastor: a Igreja Católica em Sergipe*. São Cristóvão: Ed. UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2010.

tornaram importantes nomes da intelectualidade sergipana, com publicações de livros e de artigos, além de serem atuantes na divulgação dos novos princípios da Igreja no jornal *A Cruzada*. Um exemplo disso foi o padre José Augusto da Rocha Lima, que difundiu as questões atinentes a Igreja Católica nos decênios iniciais do século XX. Outro ator que se destacou na imprensa católica de Sergipe na primeira metade do século XX foi o itaporanguense Antônio Conde Dias. Ele era o responsável pela produção dos textos sobre as celebrações que ocorriam na diocese, assim como pela produção de artigos que discutiam temas como família, religiosidade e educação.

Desse modo, festas de grande apelo popular na sociedade sergipana eram descritas minuciosamente nos jornais. Foi assim que solenidades como a Procissão dos Passos de São Cristóvão, a de Bom Jesus dos Navegantes de Aracaju e Propriá, além de festas de padroeiros dos municípios mais relevantes foram registrados com enfoque quase que etnográfico, constituindo uma fonte de considerável relevância para os estudos a respeito da religiosidade católica de Sergipe em meados do século XX.

Assim, o cronista das festas católicas de Sergipe anunciava a imponente Procissão dos Passos na vizinha cidade de São Cristóvão: “*É sempre com indisfarçável emoção que revejo a velha cidade de Cristóvão de Barros, centro de irradiação da fé, colméia de um passado de vida religiosa, marco imperecível de um passado de glória e de espediando*”³¹. Como se pode perceber, as festividades católicas eram apresentadas como foco irradiador da identidade sergipana. Palavras como fé, velha, glória e passado reforçam a idéia de que as solenidades católicas deveriam estar associadas à tradição. Todavia, expressões como tradição na concepção do clero reformador não possuía a conotações voltadas para a religiosidade barroca e sim, a de uma devoção marcada pela sobriedade e apelo aos sacramentos.

De sua terra natal duas solenidades se tornaram foco de suas colunas: a festa da padroeira, Nossa Senhora d’Ajuda e a Procissão do Encontro. Até a década de 50 do século XX essas eram os principais eventos da devoção católica na pequena cidade cravada às margens do rio Vaza-barris. Além dessas duas festas, havia também a procissão de Santo Antão, patrono de uma pequena capela edificada nas imediações entre a Igreja Matriz e ladeira que lavava a periferia da cidade.

A principal festa da cidade era a da padroeira, realizada no dia da Purificação da Virgem, dois de fevereiro. Tradicionalmente essa era a procissão que envolvia a maior parte da população da cidade, principalmente os membros da Irmandade Nossa Senhora d’Ajuda, que tinham como uma das obrigações estabelecidas pelo compromisso a organização da festa³². Com o processo de romanização a festa passou a exercer também uma conotação de direcionamento devocional por parte do clero, tendo em vista que as novenas de preparação eram patrocinadas pelos moradores dos povoados que seguiam em procissão até a matriz com a imagem do padroeiro da comunidade³³.

³¹ DIAS, Antônio Conde. “Passos em São Cristóvão”. *A Cruzada*, n. 511. Aracaju, 15 mar. 1947, p. 2, col. 1.

³² Arquivo Público do Estado de Sergipe. *Termo de Compromisso da Irmandade Nossa Senhora d’Ajuda*, p. 2

³³ SANTOS, Magno Francisco de Jesus & SANTIAGO, Márcia Maria Santos. “Padroeira: a festa de Nossa Senhora d’Ajuda em Itaporanga”. *Revista Fórum identidades*, ano 2, vol. 4, jul./dez. 2008, p. 153-160.

Além disso, no dia da festa a procissão solene contava com a presença de mais de dez andores apresentando ao público as imagens sacras alvo da devoção e piedade cristã. Pode-se dizer que a festa da padroeira representa um momento insólito da sociedade local, evocando os santos de povoados, assim como os seus moradores para celebrarem a patrona do município. Era o símbolo maior da centralidade devocional, como também um dos momentos em que o clero reformador tinha mais possibilidades de observar a conduta dos fieis. A tradicional teatralidade barroca se adequava ao novo enfoque da Igreja.

Todavia, apesar da força de atração exercida pela festa de Nossa Senhora d'Ajuda, o momento que despertava o maior sentimento de piedade era a Quaresma. Essa era também a ocasião em que as práticas religiosas condenadas pela nova postura da Igreja Católica e consideradas demasiadamente próximas do paganismo se apresentavam com maior visibilidade. Oportunamente, as celebrações da Quaresma de Itaporanga eram descritas com minudência pela imprensa católica de Sergipe. O que isso representaria? Seria uma estratégia de controlar as práticas devocionais dos segmentos populares? Ou seria uma forma de evidenciar a vitória da concepção ultramontana? Sobre essas inquietudes não temos como apresentar respostas conclusivas. Resta-nos apenas seguir os percursos de historiadores como Natalie Zemon Davis e Carlo Ginzburg, que evidenciaram que muitas vezes as possibilidades são mais perspicazes do que as provas no ofício do historiador.

Provavelmente a segunda possibilidade esteja mais próxima do vivido. Possivelmente a imprensa católica sergipana estava divulgando as celebrações católicas de cidades do interior no intuito de reforçar o caráter normativo das mesmas e a vitória da proposta romanizadora de celebrar os santos. Além disso, noticiar o sucesso das ações do clero reformador poderia servir como exemplo para as demais comunidades. Todavia, é evidente que a ordem e o sentimento de piedade das procissões quaresmeiras que eram vangloriados na imprensa católica muitas vezes não passavam de uma quimera.

Nesse sentido, o jornal *A Cruzada* apresentava o rigor do controle dos párocos sobre as celebrações públicas como um sinal das bênçãos celestiais que se propagavam em Sergipe. Aparentemente o estado que tinha um passado religioso marcado pelos desvios e descontrole se tornava exemplo da difusão do sentimento católico ultramontano. Desse modo, o referido jornal noticiava os prodígios alcançados na Semana Santa de Itaporanga: “*Notícias de Irapiranga. Viveu o povo católico de Irapiranga, de 24 de março a 2 de abril, dias abençoados de elevação espiritual e elevação cristã, com a celebração dos principais atos da grande semana. O programa seguinte foi seguido a risca*”³⁴.

O texto noticioso aparentemente desprezioso, sem grande importância revela inúmeros anseios da época em que foi publicado. Primeiramente ao delimitar de quem estava falando. Os editores do jornal deixaram claro que estavam descrevendo as ações da população católica de Itaporanga. Em suma, isso implica na tentativa de demonstrar que as práticas devocionais da Quaresma eram uma tradição do catolicismo, evocando a uma crítica silenciosa aos demais credos religiosos, principalmente aos segmentos protestantes. Segundo, aparece a ideia da sacralidade

³⁴ “NOTÍCIAS de Irapiranga”. *A Cruzada*, ano XI, n. 439. Aracaju, 08 abr. 1945, p. 3, col. 1.

temporal da Semana Santa, com o uso de termos como “dias abençoados”, “*elevação espiritual e elevação cristã*” e “*grande semana*”. Nesse sentido, a vitória da romanização se dava justamente no principal momento do calendário católico. Terceiro, se refere ao rigor exercido pelo pároco. Quando foi noticiado que o programa foi seguido à risca, os editores não estão preocupados com os improvisos, mas com a afirmação do clero na regulamentação das solenidades. Não era mais a Confraria Nossa Senhora d’Ajuda que convidava o padre para celebrar procissões,³⁵ mas o clero que convocava o povo católico a seguir as práticas condizentes com o novo momento da Igreja, sem espaço para improvisos, sem práticas consideradas desviantes.

Por esse ângulo, percebe-se que o triunfo da Quaresma vangloriado na imprensa católica não representava apenas a piedade do povo, mas primordialmente a impregnação de uma piedade comandada pelo clero e voltada para os aspectos de sobriedade. Em outras palavras, era a vitória conclamada da romanização. É importante frisar que as conquistas do eldorado ultramontano eram apresentadas como uma ação voluntariosa do povo. O clero era representado como aquele que apenas observa, rege a grande orquestra popular que busca renovar suas ações. No ideal cruzadístico romanizador o pároco apresentava-se como o comandante de um exército de leigos. O jornal *A Cruzada* ressaltou essa situação ao anunciar que:

*A população católica desta cidade (Itaporanga) está associando os seus esforços aos do Vigário local, para a celebração de alguns atos da Semana Santa, à semelhança dos anos anteriores. Esses atos de culto religioso, muito contribuirão para afervorar os sentimentos de piedade do povo.*³⁶

“*Afervorar os sentimentos de piedade*” foi a proposta central da ação conjunta entre clero e paroquianos. Muito provavelmente Antônio Conde Dias, cronista atuante no impresso católico da Diocese era um desses leigos que buscavam auxiliar o pároco na missão de reconduzir a devoção do povo para os anseios da Igreja. As atividades da Paróquia Nossa Senhora d’Ajuda na Semana Santa eram densas e muitas vezes marcadas por celebrações tradicionais do catolicismo barroco brasileiro, todavia apresentando uma roupagem própria do processo ultramontano. Podemos perceber as inovações criadas pelo pároco com o Quadro I.

³⁵ APES. *Compromisso da Irmandade Nossa Senhora d’Ajuda de Itaporanga*, p. 4.

³⁶ “A QUARESMA. Festa de Passos em Irapiranga”. *A Cruzada*, ano XI, n. 438, Aracaju, 25 mar.1945, p. 3, col. 04.

QUADRO I
SOLENDIADES DA SEMANA SANTA EM ITAPORANGA³⁷

DIA	CELEBRAÇÕES NO SÉCULO XIX	CELEBRAÇÕES EM 1945
Domingo de Ramos	Procissão de Ramos	Bênção, distribuição e procissão das palmas. A tarde última procissão do Senhor dos Passos.
Quarta-feira de Trevas	Ofício de Trevas	Procissão dos enfermos
Quinta-feira Maior	Abertura do Santo Sepulcro; Cerimônia do lava-pés. Procissão do Fogaréu	Pela manhã missa cantada, comunhão geral, procissão interna do Santíssimo Sacramento e desnudação dos altares; Durante o dia Guarda de Honra ao Santo Sepulcro A noite, procissão de fogaréus, uma alegoria do Horto das oliveiras e Hora Eucarística.
Sexta-feira da Paixão	Sermão do Descimento da cruz; Procissão do Enterro	Adoração da Cruz (alegoria do descimento da cruz); Procissão Solene do Senhor Morto

O Quadro I é bem elucidativo das mudanças inseridas nas celebrações da paróquia. A principal delas certamente é a inserção da eucaristia em todos os eventos. A exposição do Santíssimo e a comunhão dos fieis aparece com evidência na programação, reafirmando a idéia de que o foco de toda a ação seria o Cristo Eucarístico e não as imagens sacras, próprias da estética barroca que predominou no século XIX.

No entanto, essas celebrações eram apenas de âmbito paroquial, sem grande força de apelo popular e sem a participação de romeiros. A grande celebração popular e católica da cidade era a Festa de Passos, realizada no quarto final de semana da Quaresma, com duas procissões. No sábado à noite, era realizada a procissão das velas, com a imagem de Nossa Senhora da Soledade entre a igreja matriz e a capela de Santo Antônio. Provavelmente era um momento oportuno de exercer as tradicionais práticas de desobriga, que tanto marcaram as festas católicas de Sergipe. No domingo, ápice da festa, era realizada a Procissão Encontro, com os andores de Nossa Senhora da Soledade e do Senhor dos Passos. Ao longo do século XX a participação popular era extraordinária para os padrões locais e a imprensa católica registrou a participação de romeiros, ao anunciar: *“Em Irapiranga, realiza-se hoje a tradicional procissão dos Passos à qual anualmente ocorre grande número de fieis*

³⁷ Quadro elaborado pelo autor. As fontes foram *A Cruzada* e o livro de tombo da Paróquia Nossa Senhora d’Ajuda de Itaporanga.

de vários pontos de Sergipe”.

A Procissão Passos é uma das celebrações mais importantes no calendário católico sergipano e era realizada em inúmeras cidades, entre as quais sobressaíam as de São Cristóvão, Aracaju e Laranjeiras. Em Itaporanga, a participação popular era notória e provavelmente era a única celebração capaz de se aproximar em termos de quantitativo de romeiros a Festa de Passos da vizinha São Cristóvão. Assim como na velha capital sergipana, a Procissão dos Passos foi controlada nos primeiros decênios do século XX pelos frades franciscanos, tendo em vista que a Paróquia Nossa Senhora d’Ajuda em algumas ocasiões compartilhou o vigário com a Paróquia Nossa Senhora da Vitória. Esses frades, que eram alemães e estavam instalados no Convento Santa Cruz na cidade de São Cristóvão, foram responsáveis pela introdução do processo reformador na paróquia de Itaporanga, combatendo a devoção popular e as práticas consideradas pagãs e destoantes do catolicismo romano.

O Triunfo da Eucaristia?

Era o quarto sábado da Quaresma, véspera de uma tradição católica de Itaporanga. Tratava-se da Procissão de Nossa Senhora da Soledade, noturna e sob a luz de velas, acompanhada pelo soar triste do sino da matriz. Esse era o momento das práticas penitenciais, dos romeiros ajoelhados, da desobriga. Práticas que ao longo do século XX paulatinamente foram alvo das críticas dos vigários. Práticas que sucumbiram com o passar do tempo. Em 1945 *A Cruzada* revelou apenas uma faceta da procissão, sem detalhes: “*Á noite de véspera, como de costume, houve a procissão da veneranda imagem de Nossa Senhora da Soledade*”.

É inquietante o texto apresentado pelo jornal católico e nos leva a questionar o que teria motivado a ausência de uma descrição mais detalhada. Provavelmente isso teria ocorrido de forma pensada, para não revelar a persistência da desobriga que era tão comum nas procissões noturnas de Sergipe. Em relação à Procissão do Encontro, realizada no domingo, a imprensa foi bem mais minuciosa:

*Realizou-se domingo na cidade de Irapiranga, a piedosa e tradicional festa do Senhor dos Passos. Pregou, no momento tocante e expressivo do Encontro, o Revmo Frei Batista Vilar, estando a parte orquestral confiada à harmoniosa e conceituada Lira São Cristóvão, especialmente convidada. Após percorrer as sete estações, a procissão recolheu-se à Matriz onde foi dada a bênção solene do Santíssimo Sacramento.*³⁸

A descrição realizada pelo jornal evidencia que o espetáculo do domingo estava condizente com as normativas estabelecidas pelo Concílio do Vaticano I. Era uma festa piedosa e tradicional, mas que tinha como momentos marcantes o sermão e a bênção final, mais uma vez com a exposição pública do Santíssimo Sacramento. O texto evidencia que o foco central não era a imagem do Cristo sofredor com a cruz sobre os ombros, mas a Eucaristia. Ao contrário do que ocorrera na nota a respeito da noite anterior, em que predominou o silêncio, no registro sobre a Procissão do

³⁸ “FESTA de Passos...”, p. 3, col. 3.

Encontro sobressaía a declaração do triunfo da Quaresma, da penitência sobre o mundanismo da estética barroca. Outro ponto a ser observado é que nem tudo transcorria como peculiaridade de Itaporanga. O orador sacro do sermão e a orquestra eram da cidade de São Cristóvão, ou seja, os mesmos que realizavam a festa dos Passos. Pode-se dizer que a ação ultramontana em Sergipe não ocorreu de forma isolada nas respectivas paróquias, mas por meio da gestão da Diocese e de um corpo de especialistas em diferentes âmbitos. Nesse caso, o triunfo da Quaresma em Itaporanga representava apenas a vitória de uma batalha ultramontana contra o paganismo no seio da Igreja Católica, mas reforça também o sentimento de que ainda havia uma guerra a ser travada.

Nesse sentido, uma simples procissão do interior sergipano abre uma fresta que torna possível a compreensão da cultura popular, especialmente no tocante a sua religiosidade, pois “há uma luta contínua e necessariamente irregular e desigual, por parte da cultura dominante, no sentido de desorganizar e reorganizar constantemente a cultura popular”³⁹. Assim, ao transitar entre as santas missões capuchinhas e as procissões quaresmeiras sob a tutela dos franciscanos alemães, percebe-se a dialética da luta cultural. Percebe-se que o processo de romanização no Brasil não se constituiu em processo contínuo e linear, mas sim permeado de lacunas, querelas, tornando-se portador de diferentes linguagens de acordo com os interesses a cada momento. No caso de Itaporanga, esse processo transitou entre as santas missões capuchinhas, com caráter fiscalizador e a reestruturação devocional com párocos estrangeiros.

Itaporanga se tornou o alvo da ação das classes dominantes no processo de combate a cultura das classes populares e o exemplo da vitória da romanização sobre as práticas do catolicismo barroco. Vitória da Eucaristia? Triunfo da Quaresma? Nem tanto. A cultura popular se “define pelas relações que a colocam em uma tensão contínua com a cultura dominante”. A devoção popular não foi derrotada, apenas silenciada, ocultada pela imprensa católica que forjou as glórias do processo de civilização. Enquanto os jornais católicos evidenciam o suposto controle do clero sobre as práticas devocionais da Procissão do Encontro, ocultavam as expressões da cultura popular que eram reproduzidas na Procissão da Soledade. As classes populares continuavam a preocupar, a ser alvo da disciplina eclesiástica, do processo de evangelização. Assim, ao inquirir sobre as práticas religiosas de Itaporanga, podemos reafirmar que as culturas não são concebidas como formas de vida, mas como formas de luta⁴⁰. Desse modo, as procissões da Quaresma em Itaporanga permaneceram com “a tendência de enfatizar as aparências, fato barroco por excelência”⁴¹.



³⁹ HALL, “Notas sobre a desconstrução...”, p. 255.

⁴⁰ HALL, “Notas sobre a desconstrução...”, p. 257.

⁴¹ CAMPOS, Adalgisa Arantes. “Semana Santa na América Portuguesa: pompa, ritos e iconografia”. In: *III Congreso Internacional del barroco Iberoamericano - territorio, arte, espacio y sociedad*, 2003, Sevilla. Actas Del III Congreso Internacional del Barroco Iberoamericano. Sevilla: Universidad Pablo Olavide, 2003, p. 1200.

RESUMO

A Procissão do Encontro é uma das principais tradições do catolicismo penitencial em Sergipe. Nas principais cidades do estado a procissão é realizada em diferentes épocas da Quaresma, envolvendo um contingente de devotos considerável. Esse artigo tem como foco as práticas romanizadoras na referida solenidade em Itaporanga d'Ajuda na primeira metade do século XX. Era uma celebração que atraía romeiros que presenciavam os atos que rememoravam os martírios de Cristo pelas ruas da cidade, reconstituindo uma tradição com forte apelo da teatralidade barroca. A pesquisa foi desenvolvida a partir do levantamento de fontes concernentes ao tema, privilegiando as anotações no livro de tombo, registros de memorialistas e as notícias publicadas na imprensa sergipana. Nesse sentido, a realização da Procissão do Encontro em Itaporanga d'Ajuda não era apenas o cumprimento de uma premissa religiosa, mas a tentativa de evidenciar o desejo da elite local se mostrar para a cúpula do clero sergipano como legítimos guardiões da tradição católica.

Palavras Chave: Sergipe; Religiosidade; Romanização.

ABSTRACT

The Meeting Procession is one of the main traditions of Sergipe's penitential Catholicism. In the major cities of the state is the procession held at different times of Lent, involving a considerable number of devotees. This article focuses on the practices in that romanizing solemnity of Itaporanga de Nossa Senhora da Ajuda (Our Lady of Helpness) in the first half of the 20th century. It was a celebration that attracted pilgrims who frequently saw the acts that remind the sufferings of Christ through the city streets, retracing a tradition with strong appeal of Baroque theatricality. The survey was developed from the survey of sources concerning this topic, focusing on the book notes tumble, memoirists records and press reports Sergipe. Accordingly, the realization of the Meeting Procession in Itaporanga was not only the fulfillment of a religious premise, but the attempt to highlight the desire of local elites to show to the summit of the Sergipean clergy as legitimate guardians of Catholic tradition.

Keywords: Sergipe; Religiosity; Romanization.